



A Santa Sé

VISITA A ASSIS POR OCASIÃO DO EVENTO “ECONOMY OF FRANCESCO”

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Palácio de Eventos Santa Maria degli Angeli
Sábado, 24 de setembro de 2022

[Multimídia]

Caríssimas e caríssimos jovens, bom dia! Saúdo todos vós que viestes, que tivestes a possibilidade de estar aqui, mas gostaria de saudar também todos aqueles que não puderam vir aqui, que ficaram em casa: uma recordação a todos! Estamos todos unidos: eles, lá onde estão; nós, aqui.

Esperei mais de três anos por este momento, desde que, a 1 de maio de 2019, vos escrevi a carta que vos convocou e depois vos trouxe aqui a Assis. Para muitos de vós — acabamos de ouvir — o encontro com a Economia de Francisco despertou algo que já tínheis dentro de vós. Já estáveis comprometidos em criar uma nova economia; aquela carta uniu-vos, deu-vos um horizonte mais amplo, fez-vos sentir parte de uma comunidade mundial de jovens que tinham a vossa mesma vocação. E quando um jovem vê noutro jovem a própria chamada, e depois esta experiência se repete com centenas, milhares de outros jovens, então tornam-se possíveis grandes coisas, até ter a esperança de mudar um sistema enorme, um sistema complexo como a economia mundial. Aliás, hoje quase falar de economia parece algo antigo: hoje fala-se de finanças, e as finanças são algo diluído, gasoso, que não se pode apreender. Certa vez, uma boa economista a nível mundial disse-me que tinha feito uma experiência de encontro entre economia, humanismo e religião. E aquele encontro correu bem. Quis fazer o mesmo com as finanças e não consegui. Cuidado com esta gasosidade das finanças: deveis retomar a atividade económica a partir das raízes, das raízes humanas, tal como foram feitas. Vós, jovens, com a ajuda de Deus, *sabeis fazê-lo, podeis fazê-lo*; outras vezes, ao longo da história, os jovens

fizeram muitas coisas.

Viveis a vossa juventude numa época não fácil: a crise ambiental, depois a pandemia e agora a guerra na Ucrânia e as outras guerras que continuam há anos em vários países, marcam a nossa vida. A nossa geração deixou-vos em herança muitas riquezas, mas não soubemos salvaguardar o planeta e não preservamos a paz. Quando ouvis dizer que num ano os pescadores de San Benedetto del Tronto tiraram do mar 12 toneladas de lixo, plástico e coisas deste género, vedes que não sabemos proteger o meio ambiente. E, conseqüentemente, também não preservamos nem sequer a paz. *Sois chamados a tornar-vos artifices e construtores da casa comum*, uma casa comum que “está em ruínas”. Digamo-lo: é assim! Uma nova economia, inspirada em Francisco de Assis, pode e deve ser hoje uma economia amiga da terra, uma economia de paz. Trata-se de transformar uma economia que mata (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 53) numa economia da vida, em todas as suas dimensões. Para alcançar este “viver bem”, que não é a *dolce vita*, nem passar bem, não! Viver bem é aquela mística que os povos aborígenes nos ensinam a ter em relação à terra.

Apreciei a vossa escolha de modelar este encontro de Assis segundo a *profecia*. Gostei do que dissestes sobre a profecia. A vida de Francisco de Assis, após a sua conversão, foi uma profecia, que continua até no nosso tempo. Na Bíblia, a profecia tem muito a ver com os jovens. Samuel era ainda menino quando foi chamado, Jeremias e Ezequiel eram jovens; Daniel era um jovem quando profetizou a inocência de Susana, salvando-a da morte (cf. *Dn* 13, 45-50); e o profeta Joel anuncia ao povo que Deus derramará o seu Espírito e «os vossos filhos e filhas se tornarão profetas» (3, 1). De acordo com as Escrituras, os jovens são portadores de um espírito de ciência e inteligência. Foi o jovem David que humilhou a arrogância do gigante Golias (cf. *1 Sm* 17, 49-51). Com efeito, quando a comunidade civil e as empresas não têm as capacidades dos jovens, é toda a sociedade que esmorece, é a vida de todos que se apaga. Falta criatividade, falta otimismo, falta entusiasmo, falta coragem para arriscar. Uma sociedade e uma economia sem jovens são tristes, pessimistas, cínicas. Se quiserdes ver isto, ide àquelas universidades ultraespecializadas em economia liberal, e fitai o rosto dos jovens e das jovens que ali estudam. Mas graças a Deus vós estais presentes: não só amanhã, mas também hoje; não sois apenas o “ainda não”, mas também o “já”, sois o presente.

Uma economia que se deixa inspirar pela dimensão profética exprime-se hoje *numa nova visão do meio ambiente e da terra*. Devemos ir em frente nesta harmonia com o meio ambiente, com a terra. Há muitas pessoas, empresas e instituições que fazem uma conversão ecológica. É preciso seguir este caminho, e fazer mais. Este “mais”, já o fazeis e pedis a todos. Não é suficiente maquilhagem, é preciso questionar o modelo de desenvolvimento. A situação é tal que não podemos simplesmente esperar a próxima assembleia internacional, que pode não ser suficiente: a terra arde *hoje*, e é *hoje* que devemos mudar, a todos os níveis. Durante este último ano trabalhastes na *economia das plantas*, um tema inovador. Vistes que o paradigma das plantas contém uma abordagem diferente da terra e do meio ambiente. As plantas sabem *cooperar* com

todo o meio ambiente ao seu redor, e até quando competem, na realidade cooperam para o bem do ecossistema. Aprendamos com a *mansidão* das plantas: a sua humildade e o seu silêncio podem oferecer-nos um estilo diferente de que precisamos urgentemente. Pois se falarmos de transição ecológica, mas permanecermos no âmbito do paradigma económico do século XX, que depredou os recursos naturais e a terra, as manobras que adotarmos serão sempre insuficientes ou doentias nas raízes. A Bíblia está cheia de árvores e plantas, desde a árvore da vida até ao grão de mostarda. E São Francisco ajuda-nos com a sua fraternidade cósmica com todas as criaturas vivas. Nós, humanos, nos últimos dois séculos, crescemos em desvantagem da terra. Foi ela quem pagou a conta! Saqueamo-la frequentemente para aumentar o nosso bem-estar, nem sequer o bem-estar de todos, mas de um grupinho. Chegou o momento de uma nova coragem no abandono das fontes fósseis de energia, para acelerar o desenvolvimento de fontes de impacto zero ou positivo.

Além disso, devemos aceitar *o princípio ético universal* — que, porém, não agrada — de que os danos devem ser reparados. Trata-se de um princípio ético, universal: os danos devem ser reparados. Se crescemos abusando do planeta e da atmosfera, hoje devemos também aprender a fazer sacrifícios nos estilos de vida ainda insustentáveis. Caso contrário, serão os nossos filhos e netos que deverão pagar a conta, uma conta que será demasiado alta e injusta. Há seis meses, ouvi um cientista muito importante a nível mundial, que disse: “Ontem nasceu-me uma netinha. Se continuarmos assim, pobrezinha, daqui a trinta anos deverá viver num mundo inabitável”. Serão os filhos e os netos a pagar a conta, uma conta que será demasiado alta e injusta. É necessária uma mudança rápida e decisiva. Digo-o seriamente: conto convosco! Por favor, não nos deixeis em paz, dai-nos o exemplo! E digo-vos a verdade: para viver neste caminho é preciso coragem e às vezes é preciso uma pitada de heroicidade. Num encontro ouvi um jovem de 25 anos, que tinha acabado de se formar engenheiro de alto nível, dizer que não conseguia encontrar trabalho; depois, encontrou-o numa indústria que não sabia bem o que era; quando estudou o que devia fazer — desempregado, em condições de trabalhar — recusou-o, porque se fabricavam armas. Estes são os heróis de hoje!

Depois, a sustentabilidade é uma *palavra de muitas dimensões*. Para além da ambiental, existem também as dimensões *social, relacional e espiritual*. Lentamente, a social começa a ser reconhecida: damo-nos conta de que o grito dos pobres e o grito da terra são o mesmo (cf. Enc. *Laudato si'*, 49). Portanto, quando trabalhamos pela transformação ecológica, devemos ter em mente os efeitos que algumas escolhas ambientais têm sobre a pobreza. Nem todas as soluções ambientais têm os mesmos efeitos sobre os pobres e, por conseguinte, devem ser preferidas as que reduzem a miséria e a desigualdade. Enquanto procuramos salvar o planeta, não podemos negligenciar o homem e a mulher que sofrem. A poluição que mata não é apenas o dióxido de carbono, pois também a desigualdade polui mortalmente o nosso planeta. Não podemos permitir que as novas calamidades ambientais apaguem da opinião pública as antigas e sempre atuais calamidades da injustiça social, e inclusive das injustiças políticas. Pensemos, por exemplo, numa injustiça política; o pobre povo martirizado dos Rohingya que vagueia de um lado para o outro

porque não pode viver na própria pátria: uma injustiça política!

Há também uma insustentabilidade das nossas *relações*: em muitos países, as relações das pessoas continuam a empobrecer. Especialmente no Ocidente, as comunidades tornam-se cada vez mais frágeis e fragmentadas. A família, nalgumas regiões do mundo, sofre uma grave crise, e com ela o acolhimento e a preservação da vida. O consumismo atual procura preencher o vazio das relações humanas com bens cada vez mais sofisticados — a solidão é um grande negócio no nosso tempo! — mas, desta forma, gera uma *carestia de felicidade*. E isto é terrível! Pensai no inverno demográfico, por exemplo, como se relaciona com tudo isto. O inverno demográfico no qual todos os países estão a diminuir em grande medida, porque não se fazem filhos, mas é mais importante ter uma relação afetiva com cãesinhos, com gatos, e continuar assim. É preciso recomeçar a procriar. Mas também nesta linha do inverno demográfico há a escravidão da mulher: uma mulher que não pode ser mãe porque assim que a barriga começa a crescer, é despedida; às mulheres grávidas nem sempre é permitido trabalhar.

Por fim, há uma insustentabilidade *espiritual* do nosso capitalismo. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, antes de ser um averiguador de bens, é um indagador de sentido. Somos todos indagadores de significado. Por isso, o primeiro capital de qualquer sociedade é espiritual, pois é ele que nos dá as razões para nos levantarmos todos os dias e ir trabalhar, gerando a alegria da vida que também é necessária para a economia. O nosso mundo consome rapidamente esta forma essencial de capital acumulado ao longo dos séculos pelas religiões, tradições sapienciais e piedade popular. E assim, sobretudo os jovens sofrem por causa desta falta de sentido: muitas vezes diante da dor e das incertezas da vida, encontram-se com a alma depauperada de recursos espirituais para elaborar sofrimentos, frustrações, desilusões e lutos. Vede como aumentou a percentagem de suicídios juvenis: e não os publicam todos, escondem os números. A fragilidade de muitos jovens deriva da falta deste precioso capital espiritual — pergunto-vos: tendes um capital espiritual? Cada qual responde dentro de si — um capital invisível mas mais real do que o capital financeiro ou tecnológico. Há necessidade urgente de reconstituir este património espiritual essencial. A técnica pode fazer muito; ensina-nos o “quê” e o “como” agir: mas não nos diz o “porquê”; e assim as nossas ações tornam-se estéreis e não enchem a vida, nem sequer a vida económica.

Encontrando-me na cidade de Francisco, não posso deixar de meditar sobre a *pobreza*. Fazer economia inspirando-se nele significa assumir o compromisso de colocar os pobres no centro. Olhar para a economia a partir deles, olhar para o mundo a partir deles. Sem a estima, o cuidado, o amor pelos pobres, por cada pobre, por cada pessoa frágil e vulnerável, desde o concebido no útero até à pessoa doente e deficiente, até ao idoso em dificuldade, não há “Economia de Francisco”. Diria mais: uma economia de Francisco não pode limitar-se a trabalhar para ou com os pobres. Enquanto o nosso sistema produzir descartes e agirmos *segundo* este sistema, seremos cúmplices de uma economia que mata. Então, perguntemo-nos: fazemos o suficiente para mudar esta economia, ou limitamo-nos a pintar uma parede mudando a cor, sem alterar a

estrutura da casa? Não se trata de dar pinceladas de tinta, não: é preciso mudar a estrutura. Talvez a resposta não consista no que podemos fazer, mas no modo como podemos abrir novos caminhos para que os próprios pobres possam tornar-se os protagonistas da mudança. Neste sentido, há experiências muito grandes e deveras desenvolvidas na Índia e nas Filipinas.

São Francisco amava não só os pobres, mas também a *pobreza*. Este modo de vida austero, digamos assim. Francisco ia ao encontro dos leprosos não tanto para os ajudar, mas fazia-o porque *queria ser pobre como eles*. Seguindo Jesus Cristo, despojou-se de tudo para ser pobre com os pobres. Pois bem, a primeira economia de mercado nasceu na Europa do século XIII, em contacto diário com os frades franciscanos, que eram amigos daqueles primeiros mercadores. Sem dúvida, essa economia criava riqueza, mas não desprezava a pobreza. Criar riqueza sem desprezar a pobreza. O nosso capitalismo, ao contrário, quer ajudar os pobres mas não os estima, não compreende a bem-aventurança paradoxal: “Bem-aventurados os pobres” (cf. *Lc 6, 20*). Não devemos amar a miséria, aliás, devemos combatê-la, sobretudo criando trabalho, trabalho digno. Mas o Evangelho diz-nos que, sem estimar os pobres, nenhuma miséria pode ser combatida. E, ao contrário, é a partir daqui que devemos começar, também vós, empresários e economistas: vivendo estes paradoxos evangélicos de Francisco. Quando falo com as pessoas ou confesso, pergunto sempre: “Dás esmola aos pobres?” — “Sim, sim, sim!” — “E quando dás esmola aos pobres, fita-los nos olhos?” — “Bem, não sei...” — “E quando dás esmola, atiras a moeda ou tocas na mão do pobre?”. Não fitam nos olhos e não tocam; e este é um afastamento do espírito de pobreza, afastamento da verdadeira realidade dos pobres, da humanidade que toda a relação humana deve ter. Alguém me dirá: “Papa, estamos atrasados, quando vais acabar?": termino agora.

E à luz desta reflexão, gostaria de vos deixar *três indicações de percurso* para ir em frente.

A primeira: *olhar para o mundo através dos olhos dos mais pobres*. O movimento franciscano soube inventar na Idade Média as primeiras teorias da economia e até os primeiros bancos solidários (casas de penhores), pois *olhava para o mundo através dos olhos dos mais pobres*. Também vós melhorareis a economia se olhardes para as coisas do ponto de vista das vítimas e dos descartados. Mas para ter o olhar dos pobres e das vítimas é preciso *conhecê-los*, é preciso *ser amigo deles*. E, acreditai em mim, se vos tornardes amigos dos pobres, se partilhades a vida deles, também partilhareis algo do Reino de Deus, porque Jesus disse que deles é o Reino dos Céus, e por isso são bem-aventurados (cf. *Lc 6, 20*). E repito-o: que as vossas escolhas diárias não produzam descartes.

A segunda: sois sobretudo estudantes, estudiosos e empresários, mas *não vos esqueçais do trabalho, não vos esqueçais dos trabalhadores*. O trabalho das mãos. O trabalho é agora o desafio do nosso tempo, e será ainda mais o desafio de amanhã. Sem trabalho digno e bem remunerado, os jovens não se tornam realmente adultos, as desigualdades aumentam. Às vezes, consegue-se sobreviver sem trabalho, mas não se vive bem. Por conseguinte, enquanto criais

bens e serviços, *não vos esqueçais de criar trabalho, trabalho bom e trabalho para todos.*

A terceira indicação é: *encarnação*. Em momentos cruciais da história, quem soube deixar uma boa impressão, fê-lo porque traduziu os ideais, os desejos e os valores em *obras concretas*. Ou seja, encarnou-os. Além de escrever e fazer congressos, aqueles homens e mulheres deram vida a escolas e universidades, a bancos, sindicatos, cooperativas e instituições. Mudareis o mundo da economia se, com o coração e a cabeça, usardes também as *mãos*. As três linguagens. A cabeça, a linguagem do pensamento, mas não só: unida à linguagem do sentimento, do coração. E ainda: unida à linguagem das mãos. E deves fazer o que sentes e pensas, sentir o que fazes e pensar no que sentes e fazes. Esta é a união das três linguagens. As ideias são necessárias, atraem-nos muito especialmente quando são dos jovens, mas podem transformar-se em armadilhas se não se tornarem “carne”, ou seja, realidade, compromisso diário: as três linguagens. As ideias sozinhas adoecem e acabaremos em órbita, todos nós, se houver apenas ideias. As ideias são necessárias, mas devem tornar-se “carne”. A Igreja sempre rejeitou a tentação gnóstica — gnose, a ideia isolada — que pensa em mudar o mundo unicamente com um conhecimento diferente, sem o esforço da carne. As obras são menos “luminosas” do que as grandes ideias, porque são concretas, particulares, limitadas, com luz e sombra ao mesmo tempo, mas dia após dia fecundam a terra: *a realidade é superior à ideia* (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 233). Caros jovens, a realidade é sempre superior à ideia: prestai atenção a isto!

Prezados irmãos e irmãs, agradeço-vos o vosso esforço: obrigado! Ide em frente com a inspiração e a intercessão de São Francisco. E eu — se concordardes — gostaria de concluir com uma oração. Leio-a e vós, com o coração, acompanhai-a:

Pai, pedimos-te perdão por ter ferido gravemente a terra, por não ter respeitado as culturas indígenas, por não ter estimado e amado os mais pobres, por ter criado riqueza sem comunhão. Deus vivo, que com o teu Espírito inspiraste o coração, os braços e a mente destes jovens, fazendo-os partir rumo a uma terra prometida, olha com benevolência para a sua generosidade, o seu amor, a sua vontade de dedicar a vida a um grande ideal. Abençoa-os, Pai, nos seus empreendimentos, nos seus estudos, nos seus sonhos; acompanha-os nas dificuldades e nos sofrimentos, ajuda-os a transformá-los em virtude e sabedoria. Ampara os seus desejos de bem e de vida, sustenta-os nas suas desilusões diante dos maus exemplos, faz com que não desanimem e continuem no caminho. Tu, cujo Filho unigénito se fez carpinteiro, concede-lhes a alegria de transformar o mundo com o amor, a engenhosidade e as mãos. Amém.

E muito obrigado!